

6

Conclusão

Escrever uma conclusão para este tipo de trabalho não é tarefa simples pois, de modo algum, ele pode ser entendido como acabado, concluído. Ao longo desta trajetória acreditamos ter deixado mais perguntas do que respostas, mais caminhos de chão do que estradas do pai, para trazer de volta, mais uma vez, nossa metáfora.

Vale contudo fazer uma retomada das perguntas lançadas e das apostas que fizemos, não para fazer delas prescrição, antes para registrar uma determinada posição do trabalho na clínica e suas conseqüências.

Nosso percurso partiu da clínica e dos embaraços que ela nos tem colocado quando encontramos pacientes que, a despeito de todo aparato que hoje temos à nossa disposição, como medicações de última geração, serviços extra-hospitalares que funcionam, residências terapêuticas em que tanto nos empenhamos, simplesmente não conseguem estar fora do hospital. Esse embaraço foi, na verdade, o que impulsionou o estudo que esta dissertação se propôs fazer.

A primeira pergunta que se colocou para nós foi, portanto, a seguinte: o que fazer com pacientes psicóticos que não conseguem construir um delírio que lhes sirva como defesa, em suma que não são capazes de promover uma metáfora delirante? Ou seja, o que fazer com pacientes que sozinhos não foram capazes de construir um lugar no mundo? Essa pergunta indica a direção de pesquisa que seguimos para chegar à teorização lacaniana do nó borromeano, em que o Nome-do-Pai não seria mais o significante exclusivo capaz de promover algum sentido de estabilização.

No primeiro capítulo procuramos apresentar, em termos lacanianos, as metáforas paterna e delirante com o intuito não de diferenciá-las, como se faz comumente, mas de apontar pontos de semelhança, partindo da premissa de que essas operações são *correlativas*. Pretendemos mostrar que o funcionamento de ordem metafórica de ambas segue uma direção marcada pelo que chamamos de *estrada do pai*, ainda que uma o faça pela via do simbólico e a outra pela via do imaginário (Miller, 1996). Esse encaminhamento foi necessário para estabelecermos o foco da pesquisa, que seria uma aproximação de outras soluções possíveis na psicose, que não se valessem da estrada do pai, que não se valessem da necessidade de se estruturar uma *referência*. Assim nosso percurso de pesquisa pelos caminhos de chão se iniciou.

Para trabalhar essa idéia pensamos, no segundo capítulo, que dois termos poderiam ser interessantes para discutir os percursos variados na psicose. Assim chegamos aos *hóspedes e peregrinos*. Os hóspedes, como vimos, seriam justamente esses que trilham pelas estradas paternas enquanto os peregrinos seriam os que produziram os caminhos de chão. Contudo nosso interesse se deteve justamente em pensar naqueles que não conseguem ser nem hóspedes nem peregrinos, nesse sentido, discutir o que se dá no percurso do peregrino se impôs como possibilidade para se lançar uma luz no nosso embaraço frente aos *errantes*.

Para pensar teoricamente esses caminhos nos aproximamos, no terceiro capítulo, da hipótese de uma pluralização dos nomes-do-pai, esboçada pelo próprio Lacan, quando coloca a possibilidade de que outros significantes que não exclusivamente o Nome-do-Pai do Édipo funcionem como sintomas, como anteparos para se lidar com o real (Miller, 1996 a e b & Vieira, 2004).

O que foi sendo apontado ao longo do trabalho culmina, no quarto capítulo, com o que seria o lugar do *artesão*. O artesão surge em relação direta com o peregrino, é ele quem produz sua solução. Contudo este não é um trabalho absolutamente solitário, uma vez que a relação com o que Miller (2003a) chamou de *materiais existentes* parece essencial. O artesão, assim como o peregrino, não está alienado, seu percurso é autoral, o que não quer dizer independente.

A indicação que nos fica, para a clínica de todos os dias, não é finalmente muito pretensiosa. Ela aponta ao contrário para a nossa humildade, signo a que queremos atribuir um valor muito específico para caracterizar um modo de resistir aos jogos de poder. Humildade aqui pretende ser definido como sendo respeitar esses percursos artesanais, suspendendo nosso furor interpretativo para caminhar ao lado, como bons secretários.

Afinal, será sempre bom lembrar que, como dizia Glauber Rocha, *somos todos vira-latas*.